

Claudia n.º 7

NEGÓCIO COM ÁGUA-MARINHA

Rubem Braga

Contei ontem em que circunstâncias, no tempo da Ditadura Vargas, me tornei vendedor de pedras semipreciosas.

Funcionei nessa coisa vários meses, talvez um ano — e, se não ganhei muito, graças a Deus não dei prejuízo ao Otávio. Até hoje, ainda me sucede ser cumprimentado na rua por algum sujeito louro de cabelo meio crespo que só depois de ir longe eu me lembro quem é — algum judeu holandês a quem outrora vendi pedras... Mas foi muitos anos depois dessa medíocre aventura comercial clandestina (não, nunca paguei impostos!) que descobri sua utilidade. Eu vinha dos Estados Unidos, trazia algum dinheiro e um pouco de saudade de uma americana de dois metros de altura que o Carlos Niemeyer me arranjava lá — doce Bárbara de olhos verdes, anjo de Greenwich Village. Fui a uma luxuosa loja de esquina da rua do Ouvidor comprar uma lembrança para ela — toda gente sabe que americana adora água-marinha e não distingue a cara da barata. Escolhi uma pedrinha clara, mas o vendedor me propôs outra:

— Se é presente, por que não leva esta?

Peguei a pedra, sopesei-a um instante, disse distraído:

— Deve ter uns 22 quilates... Fortaleza? Não, quero coisa mais barata...

O homem disse que aquela não estava cara, mostrou-me o preço. Para mim, podia fazer uma redução. Eu mirava a pedra, murmurei que ela tinha um ponto, mas a lapidação era realmente muito boa; tinha muita vida, até parecia Itaguaçu, mas era Fortaleza, não era?

— O senhor trabalha no ramo?

— Não, há muito tempo que não mexo com isso...

Pois levei a pedra boa pelo preço que estava marcado para a outra; uma redução espontânea de 40 por cento para o «colega». Um «colega» que não aprendeu a vender, mas de certo modo aprendeu a comprar. Escrevi uma carta caprichada liquidando meu romance com Bárbara, e mandei-lhe a pedra por um amigo que embarcava para New York; ela me respondeu que jamais ousara acreditar na minha promessa de a mandar vir para o Brasil, nem de vivermos juntos em New York; que a pedra era linda e eu era uma flor; que chorava muito, mas compreendia. Que aquele amor ficaria em sua vida como algo... bem, ainda tenho a carta guardada, mas a modéstia me impede de publicá-la. Na ocasião eu a li, fiquei com um certo apêto na garganta e uma confusa saudade física e sentimental de minha grande Bárbara — e talvez, no fim das contas, um pequeno orgulho em ter feito, pela primeira vez em minha vida, um bom negócio com uma pedra.

DN - 16, 9. 67

358